

# A EXPANSÃO GREGA NO MAR ADRIÁTICO E NA DALMÁCIA CENTRAL NOS PERÍODOS ARCAICO, CLÁSSICO E HELENÍSTICO



Lilian de Angelo Laky<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo traz uma breve introdução sobre a história e arqueologia da colonização grega na área do Mar Adriático, a partir da época arcaica, dando destaque à área da Dalmácia Central, região litorânea da Croácia. Além de mostrar o potencial de estudo histórico e arqueológico da região croata acerca da Grécia antiga e do Mediterrâneo antigo, nossa intenção é apresentar um panorama geral sobre a dinâmica da fundação de assentamentos gregos (*apoikias* e/ou *emporía*) e do contato cultural entre gregos de diversas origens e entre gregos e as populações locais não-gregas nessa área entre o Ocidente e o Oriente do Mar Mediterrâneo.

**Palavras-chave:** Colonização grega; Mar Adriático; Dalmácia Central; Arqueologia na Croácia.

**Abstract:** This article provides a brief introduction to the history and archaeology of Greek colonization in the Adriatic Sea area from the Archaic era, highlighting the area of Central Dalmatia, Croatia's coastal region. In addition to showing the potential for historical and archaeological study of the Croatian region about ancient Greece and the ancient Mediterranean, our intention is to provide an overview of the dynamics of the foundation of Greek settlements (*apoikiai* and/or *emporía*) and of cultural contact between Greeks from diverse origins in the Greek world and between Greeks and local populations in this area between the West and the East of the Mediterranean Sea.

**Keywords:** Greek colonization; Adriatic Sea; Central Dalmatia; Archaeology in Croatia.

**Resumen:** Este artículo proporciona una breve introducción a la historia y la arqueología de la colonización griega en el área del mar Adriático desde la era arcaica, destacando el área de Dalmacia central, la región costera de Croacia. Además de mostrar el potencial para el estudio histórico y arqueológico de la región croata sobre la antigua Grecia y el antiguo Mediterráneo, nuestra intención es proporcionar una visión general de la dinámica de la fundación de los asentamientos griegos (*apoikias* y / o *emporio*) y del contacto cultural entre griegos de diversos orígenes y entre griegos y locales no griegos en esta área entre el oeste y el este del mar Mediterráneo.

**Palabras clave:** Colonización griega; Mar Adriático; Dalmacia Central; Arqueología de la Croacia.

Dossiê

1 Mestre e doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Pós-doutoranda no Departamento de História da USP. Pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo (LEIR-MA/USP) e do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA/MAE-USP). Bolsista da FAPESP. Para consultar demais publicações da autora: <https://usp-br.academia.edu/LiliandeAngeloLaky> Contato: [lilian.laky@usp.br](mailto:lilian.laky@usp.br)



Localizado a leste no Mar Mediterrâneo, o Mar Adriático define-se como uma grande faixa de água (de c. 800 km de extensão) entre a costa da Itália, a oeste, e a costa de países da península balcânica, a leste, como a Eslovênia, a Croácia, Montenegro e parte da Albânia (Fig.1). Quase um mar fechado dentro do Mediterrâneo, o Adriático é aberto, na sua porção sul, pelo denominado Estreito de Otranto, um canal marítimo de apenas c. 72 km de extensão entre as costas italiana (na área da Apúlia) e albanesa. É na altura deste estreito que se separa o Mar Adriático do Mar Jônico, mais a sul, o qual banha uma parte da costa da Albânia, toda a costa oeste da Grécia e boa parte do litoral meridional da Itália (na área da Calábria). Os nomes destes dois mares mediterrânicos, Adriático e Jônico, remontam à presença grega na área e de acordo com as tradições literárias,<sup>2</sup> ao menos até o século V a.C., o que hoje se conhece como o Mar Adriático era também conhecido e denominado, pelos antigos gregos, de Mar Jônico ou *Iónios kólpos* (CABANES, 2008, p. 157; WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 321). Portanto, até certo período da Antiguidade grega, o que hoje conhecemos por dois mares diferentes era reconhecida como uma única área geográfica para os antigos gregos. Somente a partir do século IV a.C., fontes literárias começaram a nomear a porção mais a norte, do até então conhecido como Mar Jônico, como Adriático – muito provavelmente este nome derivou da cidade grega de Adria ou do rio Adria, situados na porção mais a norte da costa leste italiana (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 321). De acordo com P. Cabanes:

“O Mar Adriático desempenhou um importante papel nas relações entre o Ocidente e o Oriente, a Itália e a Grécia, servindo como um limite ou fronteira entre o mundo conhecido e o além-mundo misterioso e como passagem entre duas costas muito próximas” (CABANES, 2008, p. 157).

O golfo Jônico ou Mar Adriático era percebido como “uma rota que levava às regiões setentrionais do mundo antigo conhecido, uma área misteriosa por suas montanhas, mas especialmente pelo seu clima, vegetação e principalmente pelas comunidades humanas que já ali habitavam” (CABANES, 2008, p. 162-163).

Tal percepção do Mar Adriático levou, por muitos séculos, a criação de uma profusão de lendas antigas, transmitidas desde antes do período arcaico grego, sobre heróis míticos, os primeiros que teriam se aventurado por aquelas águas e margens, como Jasão e os Argonautas e Diomedes, um dos heróis da



Guerra de Tróia (CABANES, 2008, p. 162). Tais relatos, alguns transcritos em um período posterior, são originalmente, a maior parte, da poesia épica e foram retrabalhados, embelezados e alterados quando necessário por autores gregos e latinos (CABANES, 2008, p. 155). Algumas lendas podem ser ocasionalmente examinadas à luz de evidências arqueológicas (epigráficas e numismáticas) ou de fontes toponímicas, como é o caso de Diomedes, cujo culto ao herói é atestado arqueologicamente em ambas as margens adriáticas (CABANES, 2008, p. 155).

As rotas marítimas e a geografia das zonas costeiras adriáticas já eram conhecidas pelos micênicos ao menos desde a Idade do Bronze tardio (Heládico IIIC), como indicam evidências materiais encontradas tanto na costa oeste como na costa leste do Mar Adriático (KIRIGIN, 2006, p. 17). Assim, da mesma forma como se afirma no caso da Sicília, onde também se atesta presença micênica, em área adriática, os gregos, em época arcaica, herdaram um conhecimento pré-existente sobre a navegação e as terras existentes nessa região do Mediterrâneo.

Na sequência, propiciaremos um panorama geral sobre a dinâmica da fundação de assentamentos gregos (*apoikias* e/ou *empória*) e do contato cultural entre gregos de diversas origens e entre gregos e as populações locais não-gregas na região adriática, o objetivo deste artigo.

A fundação de *póleis* gregas na área do mar Adriático começou efetivamente a partir do último quartel do século VII a.C. na costa da atual Albânia, portanto, mais de um século depois do intenso movimento de fundações de cidades gregas nas costas da Sicília e da Itália do Sul, iniciado no decurso do século VIII a.C. Trata-se de Epidamnos e Apolônia, as duas maiores cidades gregas em área adriática, fundadas pelos corcíreus (gregos da ilha de Corcyra, no Mar Jônio) com o apoio de sua metrópole Corinto (CABANES, 2008, p. 166). Ainda no século VII a.C. há indicações de que gente oriunda das ilhas de Rodes e Kós, no Mar Egeu, teriam fundado o assentamento de Elpia na costa italiana (no norte da Apúlia) (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 324). Mas a presença grega no Mar Adriático pode ser atestada ainda num período mais antigo, a partir do século VIII a.C., conforme indicam achados de importações eubéias e coríntias encontradas em assentamentos não-gregos na região central do Salento (na área da Apúlia, na Itália) (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 325). A fundação das primeiras *póleis* gregas no Mar Adriático, no século VII a.C., pode ser entendida como a efetivação da presença grega na área, que foi muito mais antiga. Se por um lado é possível datar o fenômeno de *apoikismos* (de fundar *póleis*) no Adriático a partir do século VII a.C., por outro, o momento de consolidação da



expansão grega no Adriático ocorreu a partir do século VI a.C. Evidências arqueológicas, principalmente oriundas de material cerâmico de origem grega, encontrado em assentamentos não-gregos na costa e no interior, atestam que o Adriático se tornou mais aberto ao comércio grego a partir dessa época<sup>3</sup> (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 322). Data-se justamente do século VI a.C. a expansão dos gregos rumo ao norte do Mar Adriático, como indicam a fundação de dois *empória*<sup>4</sup> na costa italiana, Adria e Spina, fundadas entre 530-510 a.C., sendo esta última fundada no delta do rio Po (CABANES, 2008, p. 174). Referências textuais (no caso, Estrabão 8.6.16) também informam sobre o comércio de eginetas (gregos oriundos da ilha de Egina, no Mar Egeu), nessa época, na região da Umbria, na Itália (CABANES, 2008, p. 174). Também durante o século VI a.C. foi fundado o primeiro assentamento grego na região da Dalmácia central (atual costa da Croácia) chamado de Melaina Corcyra. Tratou-se, provavelmente, de uma *apoikia*<sup>5</sup> fundada a partir de uma aliança entre Corcyra e Cnidos (cidade grega na costa da Ásia Menor) contra o tirano coríntio Periandro (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 325).

Há muito material arqueológico do século V a.C. em vários assentamentos gregos ou não gregos nos dois lados da costa do Adriático que atesta a presença grega na região nesse período. No entanto, a fundação de *pólis* gregas e *empória*, na área do Mar Adriático, foi um fenômeno que voltou a ocorrer somente no final da época clássica, durante o século IV a.C., no contexto da expansão do domínio, sobre o Adriático, do tirano siceliota Dionísio I de Siracusa. Essas novas cidades gregas foram estabelecidas na costa e em ilhas localizadas na Dalmácia central (Fig.2). De acordo com uma tradição histórica, conservada em Diodoro, Pharos (localizada na ilha de Hvar) foi fundada por gente proveniente da ilha de Paros, no Mar Egeu, com o auxílio de Dionísio I contra a população ilíria desta ilha, que foi hostil aos pários (CABANES, 2008, p. 175-176; WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 325). Como veremos mais adiante, a existência de Pharos é amplamente atestada arqueologicamente, diferente de uma certa Lissos, pólis que teria sido fundada por Dionísio I em um período anterior à Pharos, sobre a qual sabemos apenas por meio de Diodoro (15.13.4) (CABANES, 2008, p. 175-176; WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 325). Também em outra ilha na Dalmácia, foi fundada a pólis de Issa (na atual ilha de Vis) em conexão com o estabelecimento de *apoikias* no Adriático por Dionísio I (CABANES, 2008, p. 175-176; WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 325). Issa foi responsável por fundar novas cidades na costa da Dalmácia central durante o século III a.C. – trata-se de Epétion (atual Stobreč), Tragyrion (atual Trogir) e Lumbarda



(em Korčula) (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 325). A fundação de Ancona, na costa italiana, também é atribuída a Dionísio I (CABANES, 2008, p. 174).

Na bibliografia sobre a expansão grega no Mar Adriático, há uma série de outros nomes de assentamentos de presença grega, a maior parte mencionada em fontes literárias e desconhecida arqueologicamente. De acordo com *The Inventory of Archaic and Classical Poleis* (2004), são consideradas *póleis* nessa região, apenas Epidamnos e Apolônia (na Albânia), Adria, Spina, Ancona e Brentésion (Itália), e Pharos, Issa, Melaina Corcyra, Lissos, Heraclea (na Croácia). Epetion e Tragyrion não aparecem no inventário, pois seus remanescentes vieram à luz alguns anos depois desta publicação. É preciso ressaltar que algumas dessas cidades, citadas no inventário, como Adria, Spina e Ancona não são definidas hoje como *póleis*, mas como *empória*, e outras apenas se conhece das fontes literárias e não foram ainda localizadas, como Melaina Corcyra, Lissos e Heraclea.

Ao fundarem *apokias* e *empória* nas zonas costeiras adriáticas, os gregos tomaram contato com diversas populações autóctones proto-urbanas e urbanas com quem, ao longo de sua presença na área, trocaram traços culturais em vários níveis. Nas margens do lado oeste da costa adriática, na porção sudoeste (entre o Gargano e o Salento), os gregos se depararam com as populações iapíguas, que se subdividiam em três tribos nessa região: os dáunios (no norte), os peucetios (no centro) e os messápios (no sul) (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 322). A Iapígia “foi amplamente aberta à influência grega, mas seus assentamentos urbanizados formaram um baluarte contra as poucas fundações gregas na região”, como Tarento (no Mar Jônico) e Brentésion e Elpia (ambas no Adriático) (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 322). A região da Dáunia e da Peucetia não tiveram fundações gregas, contudo, a influência grega é documentada de outras maneiras, como no culto de Diomedes em Argyrippa e em outros sítios (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 322). Mais a norte na costa oeste, no chamado médio-Adriático, pesquisas recentes têm revelado a extensão do contato dos gregos com populações de picênios, na dita área do Picenum, e de úmbrios, que habitaram a região da Umbria (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 322). Fontes literárias e materiais sobre os picenos, os úmbrios e também os vênetsos indicam um relacionamento estável com os gregos na área do médio e alto Adriático (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 323).

Com relação aos etruscos e gregos, tanto a região do médio quanto a do alto Adriático (área do delta do rio Po e dos *empória* de Adria e Spina) funcionaram como um intermediário comercial entre a Grécia e a Etrúria e



os celtas a norte (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 322). Os dois maiores centros de interação entre gregos e etruscos foram Spina e Adria, assentamentos etruscos transformados em *empória* pelos gregos. Em Spina a população era majoritariamente etrusca, enquanto em Adria gregos e etruscos coexistiam sem nenhum conflito (CABANES, 2008, p. 174). Material cerâmico ático, proveniente de várias tumbas escavadas em Spina, contendo inscrições em grego e em etrusco, testemunham o contato cultural entre ambos os povos (CABANES, 2008, p. 174). Porto fluvial e não marítimo, “Adria estava mais bem posicionada para o comércio de estanho do que Spina, que, contudo, avantajava-se pela comunicação fácil com Felsina (atual Bolonha), um importante centro etrusco” (CABANES, 2008, p. 174). Mas no caso dos etruscos, a relação com os gregos nem sempre foi pacífica assim, devido a talassocracia etrusca no Mar Adriático, predominante até o início do século V a.C. (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 322). Embora gregos e etruscos tenham convivido em assentamentos no Mar Adriático e trocado muitos traços culturais, estes estiveram em disputas por domínios de portos e rotas marítimas e terrestres principalmente durante a época arcaica nessa região.<sup>6</sup> Se por um lado a expansão etrusca no vale do rio Po, durante o século VI a.C., pode ter sido hostil às atividades gregas como foi no Mar Tirreno, por outro, o volume de comércio grego, que passou por Spina, demonstra o estreito contato entre ambos (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 323).

Se na costa oeste adriática predominou uma variedade de denominações de populações autóctones, na costa leste, os ilírios ocuparam a área costeira e o interior da península balcânica. De acordo com fontes literárias e epigráficas, os gregos, ao menos desde o final do século VI a.C.,<sup>7</sup> chamaram de ilírios todas as populações nativas com quem tiveram contato desde a área de Epidamnos e Apolônia (na atual Albânia) até a região das fundações gregas na Dalmácia. De fato, estudos têm mostrado que *ilírio* pode ter sido um termo usado pelos antigos para nomear grupos étnicos que viviam nessa área. Segundo nos diz D. Dzino:

referências à população indígena nas partes central e ocidental da península balcânica, nas fontes epigráficas e literárias gregas, mostram familiaridade com o etnônimo ilírio de forma consistente desde o século V a.C. – não se sabe, ao certo ainda, quais critérios foram usados, inicialmente, se para definir um povo epônimo ou se o termo ilírio

6 De acordo com P. Cabanes, em Ravena, por exemplo, a tentativa dos tessálios curvou-se à oposição dos etruscos em 530 a.C. (Estrabão 5.1.7) (CABANES, 2008, p. 174).

7 O registro mais antigo sobre o termo ilírio é fornecido por Hecateu, que escreveu entre o final do século VI a.C. e início do século V a.C. (DZINO, 2014, p. 47).



As menções mais antigas sobre os ilírios, aparecem em dois contextos: em descrições da costa leste do Adriático, e de suas comunidades costeiras, dos macedônios<sup>8</sup> e dos gregos do noroeste da Grécia balcânica (DZINO, 2014, p. 47). No século V a.C., por exemplo, Heródoto (5.9.2) menciona os *eneti que vivem no Adriático*; Tucídides descreve os *taulantii* como um *éthnos* ilírio, que teve um papel importante como aliado dos gregos no conflito com os corcíreus em 436 a.C. (DZINO, 2014, p. 49; WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 322). Sobre o século IV a.C., uma inscrição proveniente da *apoikia* de Issa, na ilha de Vis, tem o termo ilírio sendo empregado para nomear a origem de um navio e o pertencimento de uma terra a essa população (navio ilírio e terra ilíria) (DZINO, 2014, p. 52). Ainda sobre o século IV a.C., em um relato de período posterior, Diodoro Sículo registra o conflito em Pharos com a população nativa que ele nomeia de ilíria. Uma inscrição dessa época, encontrada na ilha de Hvar, celebra um triunfo dos phários sobre certos *iadasinoi* e seus aliados (DZINO, 2014, p. 51). Mais tarde, conforme Dzino, “a percepção de ilírios esteve relacionada a contextos políticos e territoriais, primeiro à aliança política do reino ilírio de época helenística e depois ao uso romano deste termo no contexto do início da expansão imperial” (DZINO, 2014, p. 61). Em síntese, “o ‘rótulo’ ilírio foi usado em diferentes contextos, provavelmente, desenvolveu-se como uma generalização etnográfica de estrangeiros (no caso os gregos e mais tarde os romanos) em relação às línguas indígenas similares ou línguas mutuamente compreensíveis entre essas populações (DZINO, 2014, p. 61).

Isto posto, o Adriático, uma faixa relativamente estreita de mar, aberta apenas em sua porção sul, onde se conecta com o Mar Jônico, propiciou uma via de intensa interação/contacto e trocas culturais entre populações locais principalmente de suas margens (iapígios, picenos, úmbrios, etruscos, ilírios) com gregos de diversas proveniências no Mar Egeu e Mar Jônico (coríntios, corcíreus, eubeus, tessálios, eginetas, pários, siracusanos, atenienses, etc.), e entre os próprios gregos de tantas origens. Essa grande via líquida foi o meio de comunicação no sentido norte-sul, e vice-versa, do mundo antigo conhecido naquela parte do Mediterrâneo (CABANES, 2008, p. 58). Além da interação com os gregos, o Adriático foi o meio de comunicação entre as populações locais de ambas as margens desde tempos pré-históricos: para citar alguns exemplos, cerâmica dáunia é encontrada no leste do Adriático (nas modernas

8 Os ilírios tornaram-se mais presentes no mundo grego devido aos conflitos entre os macedônios e os ilírios no século IV a.C., especialmente na era de Felipe II e Alexandre (DZINO, 2014, p. 51).

Eslovênia, Croácia e Bósnia e Herzegovina); cerâmica e potes de metal ilírios são amplamente encontrados na costa oeste adriática (na Apúlia) (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 321).



## A COLONIZAÇÃO GREGA NA DALMÁCIA CENTRAL

O nome Dalmácia foi usado pela primeira vez pelos romanos para nomear a província litorânea da região da Ilíria e até hoje é usado como denominação para a maior parte da zona costeira da Croácia. A palavra Dalmácia derivou de *delmatae*, nome da população de uma das tribos ilírias que se opuseram à presença romana nessa área até sua completa submissão no ano de 168 a.C. (COSIC, 2009, p. 10). Não se conhece um nome grego ou ilírio que tenha denominado a região antes dos romanos. As ilhas e a costa da região central da Dalmácia “atraíram os gregos após a sua expansão no estreito de Otranto e no vale do rio Po” (KIRIGIN, 1990, p. 291). Além disso, a fundação das *pólis* de Epidamnos e Apolônia, na Albânia, “colocaram as populações autóctones da Dalmácia em contato comercial com o mundo grego” (WILKES, 1969, p. 1).

Na historiografia sobre a expansão grega na área do Mediterrâneo e do mar Negro, “tem sido repetidamente observado que a Dalmácia foi uma área secundária na colonização grega” (KIRIGIN, 1990, p. 291). Tanto é assim que até hoje, na maior parte das publicações sobre o tema, a região não figura em mapas gerais, que pontuam os sítios gregos no Mediterrâneo, mas somente é abordada em publicações que objetivam apresentar regiões mais periféricas do mundo grego, como o sul da Espanha e da França. De fato, essa ausência, nos estudos a respeito, é reflexo da posição da Dalmácia como área marginal no fenômeno de expansão dos gregos e de confim do mundo grego: a região foi periférica na expansão grega principalmente por ter sido uma área que ofereceu poucas vantagens agrárias aos gregos - havia poucas terras férteis (em contraste com certas áreas da costa oeste adriática) para a instalação de *apoikias* (KIRIGIN, 1990, p. 291). Além disso, a pouca projeção da Dalmácia, na bibliografia geral sobre a expansão/a colonização grega, deve-se, também, à escassez de evidências arqueológicas sobre assentamentos gregos e a presença grega (em contraste com a Sicília e a Itália do Sul, por exemplo) devido a trabalhos insuficientes de escavações (KIRIGIN, 1990, p. 291). De acordo com B. Kirigin, arqueólogo croata responsável pelos trabalhos arqueológicos nos sítios gregos da região, nos últimos vinte anos, o conhecimento sobre a expansão grega na região avançou com o trabalho de vários projetos<sup>9</sup> arqueológicos

9 Adriatic Island Project, Hvar – Archaeology of a Mediterranean Landscape Project, Nakovana Project, Liburnia and Coastal Delmati from fourth to first centuries BC Project.



regionais realizados, mas, mesmo assim, “a Dalmácia sofre com a falta de escavações sistemáticas de longa duração dos principais sítios do período grego” (KIRIGIN, 2006, p. 17).

Apesar dessa limitação, o interesse acadêmico sobre a presença grega na Dalmácia central tem sido cada vez mais crescente desde ao menos as últimas duas décadas. Há mais de trinta anos o meio acadêmico italiano e croata tem produzido muitos resultados de pesquisa sobre as características da expansão grega antiga na Croácia e a sua materialidade (desenvolvimento urbano, estudos sobre a cerâmica grega produzida na Dalmácia central, a relação entre a área urbana e o território das *apoikias*, e a influência do modo de vida urbano grego nos assentamentos ilírios). Na Itália, a presença grega no leste do Adriático e na Dalmácia central é estudada por pesquisadores das Universidades de Pádua e de Bolonha (nesta última há o Centro de Estudos de Arqueologia do Adriático<sup>10</sup> com sede em Ravena). Na Croácia, estudiosos e projetos sobre a arqueologia grega concentram-se no Instituto de Arqueologia<sup>11</sup>, ligado à Universidade de Zagreb, e no Museu de Split, que salvaguarda a maior parte do acervo arqueológico sobre a presença grega no país.

Assim como na costa oeste do Adriático, a presença micênica também é atestada na Dalmácia central: na ilha de Brač, foram encontrados cacos cerâmicos do Heládico III C e atribui-se a influência micênica na construção da fortificação do assentamento de Škrip, datado da Idade do Bronze tardia (KIRIGIN, 2006, p. 19). Da Idade do Bronze à época arcaica grega, há uma lacuna de evidências materiais da presença dos gregos na região: na Dalmácia, ainda faltam achados da Idade do Ferro, como cerâmicas proto-geométricas e geométrica (KIRIGIN, 2006, p. 19). Em contraste à costa adriática italiana, artefatos gregos arcaicos foram encontrados apenas em pequenos números na Dalmácia, distribuídos, na zona costeira, em assentamentos gregos (Epétion e Tragyrion) e também em assentamentos de populações locais não-gregas (KIRIGIN, 2006, p. 19-20). Fontes literárias se referem à existência, já em época arcaica, de *apoikias* em duas localidades na Dalmácia central: Melaina Korcyra (na ilha de Korčula) e Anchiala (na ilha de Hvar). Contudo, prospecções de superfície em Korčula, realizadas nos anos 1990, não encontraram evidências arqueológicas suficientes que indicassem a existência de uma pólis nessa ilha (KIRIGIN, 1999, p. 163). Em Hvar, ainda não há consenso entre os pesquisadores se restos cerâmicos arcaicos, encontrados na ilha, remontam à *apoikia* de

10 Site do Centro de Estudos sobre a Arqueologia do Adriático: <http://www.disci.unibo.it/it/ricerca/centri-ricerca/archeologia/centro-di-studi-per-larheologia-delladriatico-arcadria>

11 Site do Instituto de Arqueologia: <http://www.iarh.hr/en/home/>



Anchiala, que teria sido a primeira fundação dos pários no local (KIRIGIN, 1999, p. 153).

Se por um lado as evidências arqueológicas sobre assentamentos gregos na Dalmácia central são ainda muito escassas, por outro, a maior parte da documentação arcaica sobre os gregos na região (cerâmicas e moedas principalmente) testemunha a presença destes no comércio neste lado do Adriático. No Museu Arqueológico de Split, por exemplo, oitenta e oito moedas gregas, datadas do final do século VI a.C., de diversas origens do mundo grego e encontradas na Dalmácia central, evidenciam o comércio arcaico grego nessa área a partir desse período (KIRIGIN, 1990, p. 320). Testemunha também das conexões marítimas trans-adriáticas em época arcaica, é o santuário em *Palagruža*, nome do pequeno grupo de duas ilhas (Vela e Mala) localizado entre as costas oeste e leste adriáticas, na altura do Monte Gargano (na Apúlia, Itália) e das ilhas de Vis e Lastovo (na Dalmácia central) (KIRIGIN, 1999, p. 162; 2006, p. 20). Pertencente hoje à Croácia, Palagruža é a única posição no Mar Adriático de onde é possível avistar ambas as costas. Além do fator de intervisibilidade, as correntes marítimas e ventos tornaram este grupo de ilhas um ponto crucial para os contatos trans-adriáticos desde o período neolítico e a Idade do Bronze (KIRIGIN, 1999, p. 162). Achados cerâmicos atestam a presença dos gregos no local desde o final século VI a.C., mas a existência do culto é assegurada a partir do final do século V a.C., conforme indicam inscrições votivas, em cacos cerâmicos, que se referem a Diomedes (KIRIGIN, 1999, p. 163; 2006, p. 20). De acordo com Kirigin, “Palagruža, muito provavelmente, foi o ponto de partida a partir do qual os gregos começaram a aprender sobre as oportunidades oferecidas pela Dalmácia, já que não foi antes do século IV a.C. que as primeiras *póleis* se estabeleceram na região” (KIRIGIN, 2006, p. 21).

Embora não haja evidências sobre o estabelecimento de assentamentos gregos na Dalmácia central nos séculos VI a.C. e V a.C., a dispersão de artefatos gregos<sup>12</sup> pelo litoral da Dalmácia – em sítios de importância estratégica onde comunidades locais significativas já existiam –, indica, em vários níveis, a interação entre estes e os gregos já nesta época (KIRIGIN, 2006, p. 19-20). O comércio entre gregos e comunidades ilírias tornou-se intenso somente a partir da época helenística, quando as *apoikias* de Pharos e Issa já haviam se estabelecido e se consolidado como os principais centros gregos na região (KIRIGIN, 2006, p. 23). Pharos e Issa foram as principais *apoikias* na Dalmácia central e são também os assentamentos que mais legaram informações epigráficas, numismáticas e arqueológicas (principalmente

12 Nenhum artefato grego dos períodos arcaico e clássico foi atestado além da cadeia montanha costeira (KIRIGIN, 2006, p.19-20).



sobre urbanização e ocupação do território) acerca da presença dos gregos no lado leste superior do Mar Adriático.

A pólis de **Pharos** foi fundada por *ápoikoi*<sup>13</sup> de Paros<sup>14</sup>, na costa noroeste da ilha de Hvar, na baía de Stari Grad em 385/84 a.C., data tradicionalmente aceita a partir de informações históricas (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 333). Dados arqueológicos, epigráficos e numismáticos indicam que Pharos existiu como cidade<sup>15</sup> nos séculos II e I a.C., mesmo após a destruição de seus muros pelos romanos no século III a.C. (em 219 a.C.), conforme registrou Políbio (3.19.12) (KIRIGIN, 1999, p.155 e 164). Pharos emitiu uma cunhagem significativa de moedas entre os séculos IV e II a.C. Uma fonte epigráfica testemunha que, ao menos até o século II a.C., Pharos mantinha relações políticas com a metrópole Paros – no contexto das agitações sociais e econômicas na metade do século II a.C., os pários enviaram uma delegação para reorganizar o funcionamento da pólis (KIRIGIN, 1990, p. 300). A epigrafia funerária e onomástica também traz informações sobre a conexão entre Pharos e Siracusa ainda no século III a.C. (KIRIGIN, 1990, p. 301).

O conhecimento da organização urbana<sup>16</sup> de Pharos é parcialmente compreendido em razão da cidade medieval e moderna de Stari Grad ter sido construída em cima da cidade antiga (provavelmente de c.10 hectares). No entanto, pesquisas na área revelaram alguns elementos de sua urbanística como a grade urbana (sugeriu-se dois *layouts*, um retangular e outro quadrado), a divisão de lotes de terra na *ásty*, trechos da muralha grega, residências gregas e romanas e um cemitério de épocas helenística e romana (Fig.3). Uma concentração de achados cerâmicos de vários tipos e períodos indicou a existência de uma zona “industrial” dentro da cidade antiga (KIRIGIN, 1999, p. 151). Não foram encontradas ainda evidências sobre santuários urbanos e a localização exata do porto antigo na marina da cidade atual (KIRIGIN, 2006b, p. 61).

13 Aquele que vem se estabelecer em um novo lugar, em uma *ἀποικία* ou *ἐποικία* (s.v. “ápoikos”, *Glossário do LABECA* - <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/> - consultado em 25/06/2018 às 16h). Usamos tal termo grego para evitar o uso da palavra “colono”.

14 A fundação por um contingente de Paros é atestada por fontes epigráficas (SEG 23 489a 11-16, 29-30; SEG 43 349) e literárias (Diodoro 15.13.4, 14.1-2; Éforo frag.89; Ps. Skymnos 426-27; Estrabão 7.5.5) (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p.333). É muito provável que gregos de outras origens se juntaram aos pários na fundação de Pharos, como indica uma inscrição oracular encontrada em Dodona (KIRIGIN, 2006b, p.69).

15 Pesquisas futuras revelarão se nesse período Pharos foi uma cidade grega ou ilíria ou ainda as duas coisas (KIRIGIN, 1999, p. 155).

16 Para uma descrição completa de todos estes remanescentes urbanos de Pharos, ver KIRIGIN, 2006b.



A *khóra* de Pharos ocupou uma área de c.20 km<sup>2</sup> a leste de seu centro urbano ou da atual Stari Grad. Trata-se da denominada planície de Jelsa, a área de terras mais férteis de toda a Dalmácia (KIRIGIN, 2006, p. 21; WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 333). Estudos de GIS, realizados na área, concluíram que a *khóra* de Pharos foi dividida em 73 lotes de terrenos (por *strigae*) de 180 x 900 m (ou 1 x 5 estádios) (Figs.4) (CAMBI, 2002, p. 56). Remanescentes bem conservados de torres de observação, de época grega, para a proteção da *khóra*, foram encontrados na zona de Maslinovik e Tor (CAMBI, 2002, p. 70; KIRIGIN, 1999, p.1 54; 2006<sup>a</sup>, p. 21).

Muito antes da instalação dos pários, durante o século IV a.C., alguns locais da ilha já eram habitados por uma população provavelmente de origem ilíria (KIRIGIN, 2006b, p. 28). É certo que o lado sul da ilha (na área da cidade moderna de Hvar) era dominado por um assentamento autóctone datado entre a Idade do Bronze e do Ferro (KIRIGIN, 2006a, p. 21). Atualmente aceita-se, também, que à época dos gregos, havia uma fortificação ilíria na colina de Gračišće, localizada entre as zonas modernas de Stari Grad e Jelsa, a única área de planície fértil da ilha (KIRIGIN, 1990, p. 299; 1999, p. 154). Já se considerou que Gračišće foi o local onde os gregos permitiram a permanência dos ilírios<sup>17</sup>. Contudo, se trata apenas de uma conjectura, pois não há informações arqueológicas suficientes sobre se a existência de um assentamento autóctone na zona de Stari Grad antes da fundação de Pharos pelos gregos (KIRIGIN, 1999, p. 154; 2006b, p. 26).

Na historiografia sobre Pharos, a versão de Diodoro, criou um *tópos*: os gregos de Paros, no momento de sua instalação na ilha, e mesmo mais tarde como phários, teriam sido *hostis* à população autóctone pré-existente. De acordo com o relato histórico, “no ano seguinte à fundação de Pharos, Dionísio I renovou seu apoio aos pários, enviando seu *eparchos* para ajudá-los – durante um ataque por parte dos ilírios instalados na ilha” (CASTIGLIONE, 2018, p. 350). A historiografia considera que “a presença grega foi pouco tolerada pelos autóctones, incomodados, sobretudo, em continuar suas atividades de pirataria no Mar Adriático” (CASTIGLIONE, 2018, p. 350). De fato, os resultados da pesquisa arqueológica mais recente, realizada em Hvar, até o momento, comprovam tal visão: não foram encontradas evidências sobre a interação entre os gregos e os habitantes locais dentro da ilha (KIRIGIN, 2006a, p. 21). Assim, para esta proposta de investigação, Pharos representa o exemplo de como os gregos poderiam não interagir com os ilírios dentro de sua zona de dominação (a área urbana e o seu território ou toda a

17 Diodoro informa que “após os pários terem se assentado na ilha, estes permitiram à população ilíria permanecer em um local fortificado. Infelizmente, Diodoro não especifica o local, o que levou a criação de algumas hipóteses” (KIRIGIN, 1999, p.154).



área da ilha que a pólis ocupou). No entanto, fora de sua área de influência, os phários construíram redes de contato com os ilírios: há registros de que estes comercializaram com os ilírios no continente, como ilustra o caso dos *daorsoi* na bacia do rio Neretva durante a época helenística (KIRIGIN, 2006a, p. 21).

Situada no lado nordeste da ilha de Vis, a *apoikia* de Issa oferece o estudo de caso mais importante sobre o contato cultural entre os gregos e os ilírios na Dalmácia central. Fundada no século IV a.C. pelos siracusanos<sup>18</sup>, no contexto da expansão de Dionísio I no Mar Adriático, a área urbana da pólis ocupou um dos maiores e mais seguros portos naturais de toda a Dalmácia (KIRIGIN, 1990, p. 303; WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 331-332). A ilha ocupa uma posição estratégica importante, pois se localiza na porção central do Mar Adriático (KIRIGIN, 1990, p. 303). A presença grega na ilha de Vis é atestada em época arcaica e clássica, conforme indica o material cerâmico dos séculos VI e V a.C. encontrado no local (KIRIGIN, 1990, p. 310).

A área urbana de Issa também é parcialmente conhecida em razão desta estar sob a cidade moderna de Vis. Entretanto, importantes elementos urbanos são conhecidos (Fig.5), como parte de sua fortificação helenística, a localização do porto antigo, estrutura de habitações, parte da malha urbana das ruas e o cemitério helenístico<sup>19</sup>, de onde provém os mais importantes achados para a compreensão do contato cultural entre os isseus e ilírios e entre os isseus e os ápoikoi siracusanos (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 332). Sobre o funcionamento da comunidade política, Issa cunhou moedas de bronze a partir do final do século IV a.C. e um decreto sobre a colonização, datado entre os séculos III-II a.C., é a principal fonte sobre a organização política dos isseus (WILKES; FISCHER-HANSEN, 2004, p. 331-332).

As zonas agriculturáveis, cercadas por montanhas, estão no interior da ilha e cobrem uma área de 1000 hectares (KIRIGIN, 1990, p. 303). Diferente de Pharos, a divisão de terras na *khóra* de Issa, não pôde ser totalmente identificada (KIRIGIN, 1990, p. 310). Sabe-se das fontes antigas, que o vinho de Issa foi um dos mais apreciados no mundo antigo, conforme indicam, também, as ânforas e outros vasos de tipo isseu, encontradas na maior parte dos sítios adriáticos (KIRIGIN, 1990, p. 310). Durante os períodos helenístico e

18 Pseudo-Scylax (Periplos, cap.23); Pseudo-Scymnos (413-415).

19 Vários tipos de evidências, provenientes do cemitério em Martvilo, atestam a presença autóctone na pólis de Issa. Estudos onomásticos, a partir das inscrições nas estelas funerárias, indicam nomes de origem siracusana, ilíria e da Itália do Sul. Certos tipos de práticas funerárias mostram costumes funerários encontrados em sítios autóctones dos séculos VI ao IV a.C. Análises osteológicas indicaram características majoritariamente de populações ilírias do que gregas (KIRIGIN, 1990, p. 309).



romano, a ilha inteira foi ocupada, como indicam certos sítios rurais no interior da ilha (KIRIGIN, 1999, p. 156). Um excedente populacional no início do período helenístico, muito provavelmente, foi o causador do fenômeno de expansão dos isseus na Dalmácia central com a fundação das *apoikias* de Tragyrion (em Trogir), Epetion (em Stobreč) e de Lumbarda (na ilha de Korčula) (KIRIGIN, 1999, p. 156).

Já durante as Idades do Bronze e do Ferro, a ilha de Vis foi pouco habitada em relação às fases gregas posteriores (KIRIGIN, 1999, p. 157). Desses períodos datam dois assentamentos de populações autóctones – Talež e Vela Gomila – associados, em sua fase mais antiga, ao controle da terra agrícola (KIRIGIN, 1999, p. 157). Localizado na parte centro-sul de Vis, **Talež** foi uma fortaleza colinar, o maior assentamento nativo nessa ilha e teve uma longa duração – no século V a.C. controlou a ilha inteira e declinou no século IV a.C., quando a *apoikia* de Issa foi fundada (KIRIGIN, 1999, p. 157-158; KIRIGIN, 2006, p. 21). O assentamento de Talež esteve associado à extração de ferro (inexistente em outras zonas da Dalmácia) (KIRIGIN, 1999, p. 158). Cerâmica grega (coríntia e ápuia) foi encontrada, no local, associada às cerâmicas dáunia e ilíria do século V a.C. (KIRIGIN, 1999, p. 157-158). Trata-se de um sítio chave para a compreensão dos contatos gregos pré-coloniais no Mar Adriático (KIRIGIN, 1999, p. 157-158; KIRIGIN, 2006, p. 21). Próximo a Talež, está o *tumulus* em *Vela Gomila*, local de culto ativo da Idade do Bronze até o início do período romano (KIRIGIN, 1999, p. 158). Fragmentos cerâmicos importados e locais de todos esses períodos foram encontrados no local, indicando que se tratou de um sítio frequentado por populações autóctone e grega (KIRIGIN, 2006, p. 21). De acordo com Kirigin, pesquisas futuras devem esclarecer se Vela Gomila teve relação com Ionios, um nativo de Issa que governou nessa área e é considerado o epônimo do Mar Jônico (KIRIGIN, 2006, p. 22).

Como mencionado, Issa fundou três *apoikias* durante o século III a.C.: Tragyrion e Epetion são mencionadas por Políbio (32, 9), já Lumbarda<sup>20</sup> é conhecida apenas por uma inscrição (CAMBI, 2002, p. 58). Na parte mais fértil, na zona continental da Dalmácia, localiza-se exatamente entre Tragyrion e Epetion (KIRIGIN, 1990, p. 311). Nenhum tipo de assentamento grego é atestado antes do século III a.C., mas o contato com o mundo grego, nessa área, é confirmado por achados do século VI a.C. (KIRIGIN, 1990, p. 311). **Tragyrion** situa-se a oeste de Split, na ilha de Trogir, localizada entre o continente e a ilha de Ciovo. A pesquisa realizada na área da cidade antiga revelou

20 Lumbarda é o nome moderno da área da fundação grega. Não se conhece o nome antigo dessa *apoikia* de Issa.



parte da muralha grega, pôde identificar trechos viários, restos de casas, a ágora (provavelmente sobre a praça principal da cidade moderna), e um santuário sob a catedral, talvez dedicado à Hera<sup>21</sup> (CAMBI, 2002, p. 58; KIRIGIN, 1990, p. 314). A presença de um assentamento ilírio<sup>22</sup> é sugerida por achados cerâmicos sob as fundações de uma casa helenística (KIRIGIN, 1990, p. 314). *Epetion* localiza-se a leste de Split, nas encostas de uma pequena península e de frente à baía onde desagua o rio Zrnovnica, uma importante via de comunicação do litoral com o interior (KIRIGIN, 1990: 314; NEUHAUSER; UGARKOVIC, 2012, p. 142). Apenas recentemente escavada, os elementos urbanos de Epetion ainda são pouco conhecidos – os remanescentes físicos conhecidos da cidade grega são, basicamente, partes dos muros e uma porta (nos muros setentrionais) (CAMBI, 2002, p. 59). Em *Lumbarda*, na ilha de Korčula, nenhum resto da cidade grega é visível, apenas algumas tumbas foram pobremente escavadas e uma grande cisterna, na colina de Koludrt, onde foi encontrado o famoso *psefisma* (CAMBI, 2002, p.61). Trata-se de uma inscrição, datada do século III a.C., que informa sobre a fundação de Lumbarda e, principalmente, sobre a divisão de terras<sup>23</sup> entre os *ápoikoi* (KIRIGIN, 1990, p. 311).

Nessa região do chamado golfo de Split, onde foram fundadas Tragyrrion e Epetion, estão duas importantes ilhas, Brač e Solta, que poderiam ter sido, também, zonas importantes de presença grega, já que estão muito próximas à Hvar, Korčula e Vis, nas quais, como vimos, foram fundadas cidades gregas. No entanto, pesquisas recentes, em Brač e Solta, revelaram que nelas não existiram assentamentos gregos: os raros achados gregos<sup>24</sup> encontrados testemunham um eventual comércio entre gregos e a população autóctone, esta sim, foi numerosa nessas duas ilhas, conforme indicou a pesquisa arqueológica realizada<sup>25</sup> (KIRIGIN, 1999, p. 161-163; 2006, p. 22).

Para concluir essa breve introdução acerca da expansão grega na Dalmácia central, resta mencionar dois santuários fundados no século IV a.C.,

21 Um altar votivo, dedicado à deusa Hera, foi encontrado no local (KIRIGIN, 1990, p. 314).

22 Tragyrrion e Epetion foram fundadas no contexto da aliança entre Issa, os ilírios e Roma (KIRIGIN, 1990, p. 311).

23 A inscrição diz que duzentos *ápoikoi* receberam 4,5 plethra de terras cultiváveis, na *khóra*, e um lote de terra dentro dos muros da cidade (KIRIGIN, 1990, p. 311).

24 Trata-se de potes finos gregos e ânforas greco-italicas (KIRIGIN, 1999, p. 161)

25 A pesquisa arqueológica encontrou sítios das Idades do Bronze e do Ferro em Brač e Solta (KIRIGIN, 1990, p. 321).



a oeste e a leste dessa região, respectivamente: o santuário de Diomedes, no **Cabo Ploča**, e a gruta de **Nakovana**. Trata-se de dois santuários que evidenciam a intensa interação cultural entre as *apoikias* e as populações locais não-gregas em área adriática, o objetivo principal deste artigo.

Situado em Punta Planka, ou Cabo Ploča, a oeste de Trogir, o santuário dedicado ao herói Diomedes teve uma longa duração de culto, datando entre o final da metade do século IV a.C. e o século I d.C., de acordo com os achados cerâmicos encontrados no local (KIRIGIN, 2006, p. 22). Assim, este santuário “foi estabelecido após a fundação de Pharos e Issa e após, ainda, do declínio do poder de Dionísio I na região” (KIRIGIN, 2006, p. 23). Conhecido como Promontório de Diomedes (PLÍNIO, *Hist. Nat.*, 3, 141), trata-se de um local com posição estratégica importante, sendo o único ponto, na costa da Dalmácia, que dá para o mar aberto (KIRIGIN, 2006, p. 22). Conforme Kirigin, os achados cerâmicos indicam o uso do santuário “por comerciantes e navegadores de partes helenizadas do Mar Adriático<sup>26</sup>” (KIRIGIN, 2006, p. 22). O autor se refere à população grega e à população autóctone ilíria, a qual já compartilhava traços culturais gregos, como testemunha, neste caso, uma inscrição votiva (séculos IV-III a.C.), sobre cerâmica, de um indivíduo, de nome ilírio, a Diomedes (KIRIGIN, 2006, p. 22). A área do Promontório de Diomedes, considerada muito provavelmente “terra de ninguém” na Antiguidade, era habitada por algumas tribos ilírias (os *hilloi*, *bulinoi*, *liburnoi* e *nestoi*) (KIRIGIN, 2006, p. 23). Localizado na península de Pelješac, o santuário na gruta do vilarejo de Nakovana, foi estabelecido também numa zona de importância estratégica, onde se podia, facilmente, controlar o canal da ilha de Korčula e a baía onde desagua o rio Neretva (KIRIGIN, 2006, p. 24). A maior parte dos achados cerâmicos, encontrados na área sagrada dentro da caverna, é proveniente de Issa, de outras fundações gregas, na Magna Grécia e no norte da Itália, e de áreas da Grécia balcânica (KIRIGIN, 2006, p. 24). Alguns grafites também testemunham a presença grega no local (KIRIGIN, 2006, p. 24). Os achados cerâmicos ilírios representam a menor quantidade encontrada (KIRIGIN, 2006, p. 24). Apesar da preponderância de material grego, encontrado na gruta em Nakovana, a bibliografia prefere afirmar que o santuário foi frequentado por uma população ilíria que vivia na fortaleza colinar em Grad, muito próxima ao local (KIRIGIN, 2006, p. 24).

Isto posto, de uma maneira resumida, esse é o estado da arte mais atual sobre o conhecimento histórico e arqueológico acerca da expansão grega e contatos culturais no Mar Adriático e mais especificamente na Dalmácia

26 O culto de Diomedes esteve relacionado a importantes pontos de comércio marítimo no Mar Adriático (KIRIGIN, 1999, p. 163).



central. Trata-se de uma região mediterrânica com enorme potencial de análise do ponto de vista dos contatos culturais, do estabelecimento de fronteiras entre populações gregas e não-gregas principalmente no âmbito da insularidade. Tais temas estão presentes na nossa atual investigação de pós-doutorado, que se encontra em andamento. Nessa pesquisa, estudamos o processo de uso e ocupação territorial das fundações gregas na Dalmácia Central

Pharos, Issa e suas sub fundações Tragyrion, Lumbarda e Epetion) a partir de um estudo comparativo entre os tipos de territorialização empreendidos pelos gregos nestes vários assentamentos. Questões sobre como se configuraram as fronteiras das cidades gregas na hinterlândia, a *khóra* e a *eskhatia*<sup>27</sup>, em relação aos ilírios, tanto nas ilhas como no continente serão tratadas. O recorte cronológico é o período que abarca o expansionismo do tirano siracusa-no Dionísio I sobre o Mar Adriático no século IV a.C., momento que fundou e/ou apoiou a fundação de cidades gregas principalmente na Dalmácia Central (como Pharos e Issa), e a expansão do Reino Ilírio sobre toda a região da Dalmácia Central, o que levou a novas dinâmicas de afirmação territorial dos gregos em relação aos ilírios e vice-versa. Em última análise, trata-se de uma contribuição sobre a dinâmica da colonização grega numa região considerada periférica do mundo grego, na fase considerada a mais tardia do fenômeno de expansão dos gregos no Mediterrâneo, entre as épocas clássica e helenística, a menos estudada pelos pesquisadores interessados em colonização grega. O nosso interesse está em verificar como os gregos se assentaram em adaptação a uma região nova, considerando que, nesse período, já havia se consolidado, no Mediterrâneo, um padrão de assentamento grego configurado ao longo de décadas.

---

27 A *eskhatia* era a área localizada nas fronteiras das cidades gregas, tradicionalmente vista como agreste, de bosques e minas, por isso, de menor produção do ponto de vista agrícola (s.v. "eskhatia", *Glossário do LABECA* - <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/> - consultado em 26/04/2019 às 12h)



Fig.1

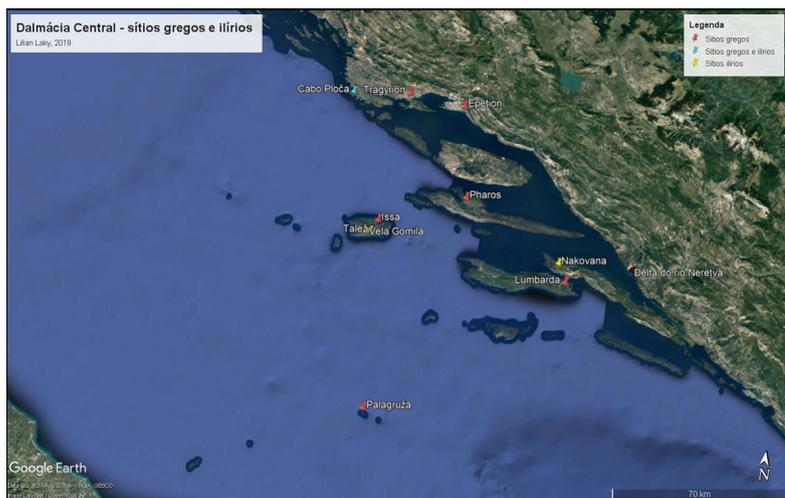


Fig.2

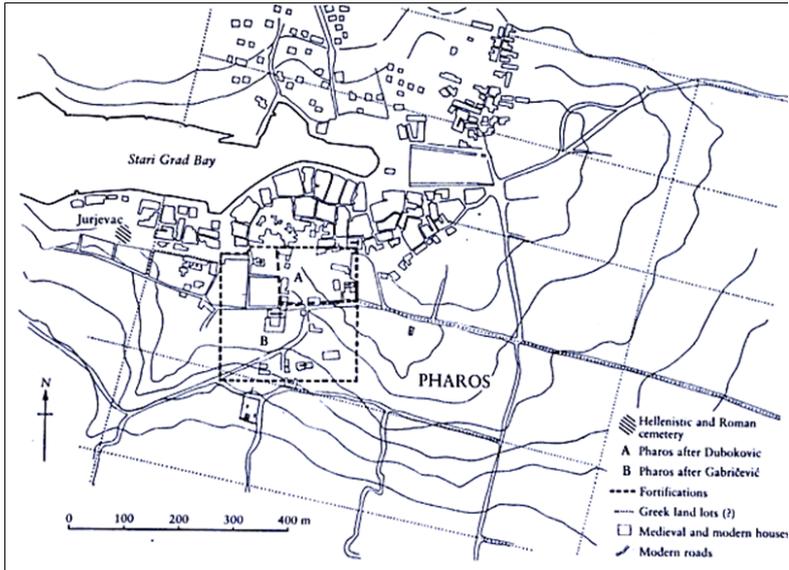


Fig.3- Planimetria de Pharos (KIRIGIN, 1990, p. 298, fig.4)

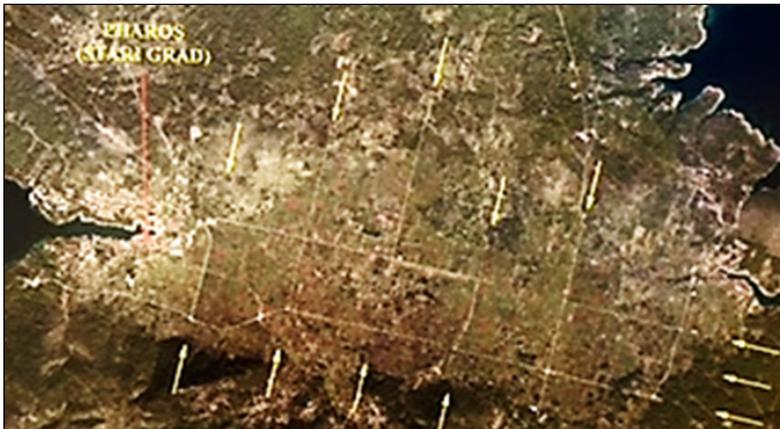


Fig. 4- A divisão das terras na khóra de Pharos em Stari Grad após os estudos de GIS (KIRIGIN, 2009, p. 23, fig.2.7)

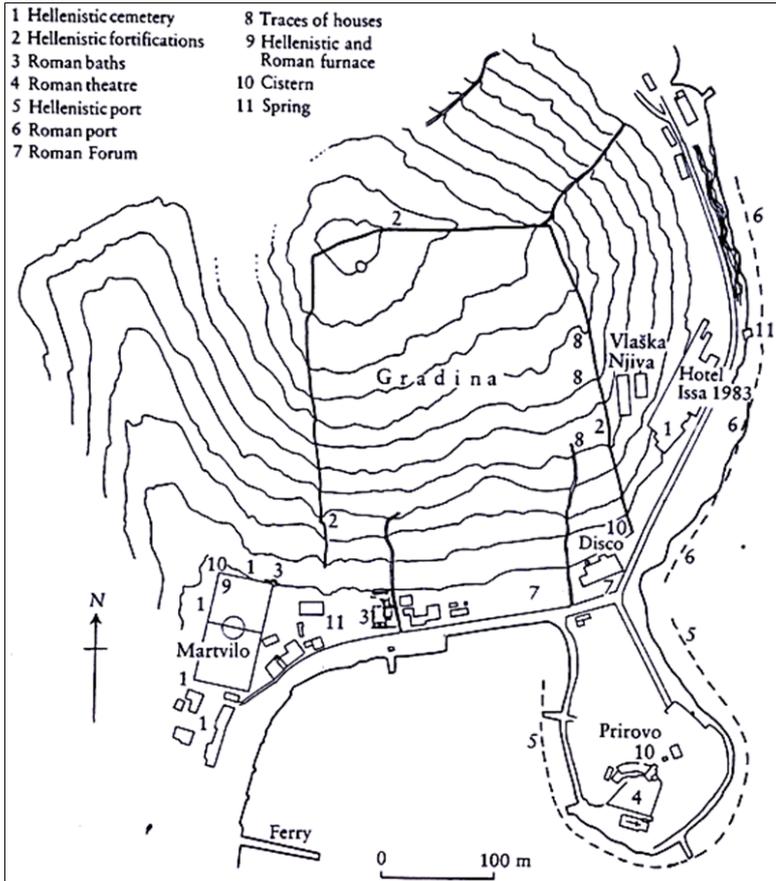


Fig.5- Planimetria de Issa (KIRIGIN, 1990, p. 305, fig.7)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABANES, Pierre. Greek colonization in the Adriatic. In: TSETSKHLADZE, G.R. (ed.) *Greek Colonisation. An Account of Greek Colonies and Other Settlements Overseas*. Vol. 2. Leiden; Boston: Brill, 2008, p. 155-185.



CAMBI, Nicola. Urbanistica e architettura del IV sec. A.C. ad Oriente dell' Adriatico. Em: BONACASA, Nicola.; BRACCESI, Lorenzo; DE MIRO, Ernesto. **La Sicilia dei due Dionisi**. Atti della settimana di studio. Agrigento, 24-28 febbraio 1999. Roma, L'Erma: 2002, p. 47-75.

CASTIGLIONE, Maria Paola. Les grecs en Adriatique. **Cadernos do Leeparq**, 15, 29, 2018, p. 320-358.

COSIC, Stjepan. A survey of Croatian history. Em: AAVV. **Croatia. Aspects of art, architecture and cultural heritage**. Londres: Frances Lincoln Limited, 2009, p. 10-19.

DZINO, Danijel. 'Illyrians' in ancient ethnographic discourse. **Dialogues d'histoire ancienne**, 40, 2, 2014, pp. 46-65.

KIRIGIN, Branko. The Greeks in Central Dalmatia: some new evidence. In: DESCOEUDRES, Jean.-Paul. (ed.). **Greek colonists and native populations**. Proceedings of the first Australian congress of Classical Archaeology held in honour of emeritus Professor A.D. Trendall. Camberra; Oxford: Humanities research centre; Clarendon Press, 1990, p. 291-319.

\_\_\_\_\_. The Greeks in central Dalmatia. In: BRACCESI, L.; GRACIOTTI, S. **La Dalmazia e l'altra sponda. Problemi di archeologhía adriatica**. Firenze: Leo S. Olschki, 1999, p. 145-164.

\_\_\_\_\_. The Greek background. In: DAVISON, D.; GAFFNEY, V.; MARIN, E. (eds.). **Dalmatia: research in the Roman province 1970-2001: papers in honour of J.J. Wilkes**. BAR Series 1576. Oxford: Archaeopress, 2006a, p.17-26.

\_\_\_\_\_. **Pharos, the Parian settlement in Dalmatia: a study of a Greek colony in the Adriatic**. BAR International series 1561. Oxford: Archaeopress, 2006b.

NEUHAUSER, Tina.; UGARKOVIC, Marina. Epetion, **Forum Archaeologiae**, 63, VI, 2012 (<http://farch.net>).

WILKES, John Joseph. **Dalmatia**. Londres; N. York: Routledge, 1969.

WILKES, John Joseph.; FISCHER-HANSEN, Thomas. The Adriatic (s.v.). In: HANSEN, M.H. **An inventory of Archaic and Classical Polis**. Oxford, 2004, p. 321-337.

## Internet

Glossário do LABECA

<http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/> (Acesso em 25/06/2018 às 16h)